



Educação Popular e Movimento Estudantil: a experiência do Estágio Interdisciplinar de Vivência de Minas Gerais

Área Temática: Relato de experiências, metodologia e extensão

Leonardo N. Alves¹, Vinícius M. Maia², Isabel G. Cordeiro³

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Campus Mucuri, Teófilo Otoni-MG – leo.ssoufvjm@gmail.com

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Campus Mucuri, Teófilo Otoni-MG – vinicius_mm7@hotmail.com

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Campus Mucuri, Teófilo Otoni-MG – isabel_gtur@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada pelo movimento estudantil da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Campus Mucuri na construção do Estágio Interdisciplinar de Vivência de Minas Gerais – EIV MG. Busca ainda fazer uma discussão acerca da educação, e neste caso, destaca-se a educação popular como forma alternativa construída pelos movimentos sociais e apropriada pelo movimento estudantil. Nesta direção situa-se o EIV-MG como uma experiência concreta de práticas e vivências da metodologia de educação popular acumulada por esses movimentos sociais. Por fim, o trabalho demonstra a importância do EIV-MG para o movimento estudantil da UFVJM – Campus Mucuri, exemplificando as atividades desenvolvidas decorrentes do acúmulo na construção dos Estágios de Vivência.

Palavras-chave: Educação Popular, Movimento Estudantil, Estágio Interdisciplinar de Vivência.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo fomentar a discussão acerca da educação popular e a sua necessária relação com o movimento estudantil, a partir da experiência do Estágio Interdisciplinar de Vivência – EIV, que utiliza a educação popular como eixo central desse processo dialógico. Desse modo, iremos percorrer o debate de educação situando a concepção de educação popular como uma prática libertadora.

A partir também da concepção de movimento estudantil iremos demarcar a importância da parceria com outros movimentos sociais e da incorporação em sua prática dos princípios e valores da educação popular, situando o Estágio de Interdisciplinar de Vivência – EIV, como uma ferramenta que potencializa essa relação e que tem contribuído de forma muito evidente para o movimento estudantil da UFVJM – Campus Mucuri.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

2 O debate da educação

Parte-se da concepção que a educação se constrói em diferentes espaços da vida e que não se restringe a escola, universidade, centros de pesquisas, ou seja, estabelecimentos regulares ou formais de ensino¹. De acordo com Brandão (2007 pág. 10) “a educação, é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sociedade”.

Em outras palavras,

(...) a educação é, antes de mais nada, desenvolvimento de potencialidades e apropriação do saber social (conjunto de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores, que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações para dar conta de seus interesses e necessidades). Frigotto (2010, pág. 28) apud Gryzybowski

Desse modo, a educação é criação e, sobretudo, recriação de homens e mulheres, historicamente situados e determinados pela política, economia e cultura. A educação participa na formulação de ideias, crenças, valores, símbolos de uma sociedade. A educação se configura como uma dimensão da formação humana e se instaura por toda a vida, construindo padrões, costumes e relações de poder.

A aprendizagem, ainda que umbilicalmente vinculada aos processos formais da educação, se realiza por toda vida no desenvolvimento histórico dos homens, a partir do trabalho². Assim como o trabalho, a educação é uma dimensão exclusivamente humana, pois exige habilidades que apenas o desenvolvimento histórico da humanidade proporcionou.

Para Freire (1987, pág. 73)

(...) diferentemente de outros animais, que são apenas inacabados, mas não são seres históricos, os homens se sabem inacabados. Tem a consciência de sua inconclusão. Aí que se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. (...) Daí que a educação seja um quefazer permanente. (...) Dessa maneira a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser é preciso estar sendo.

Compreendemos que o ponto de partida são os homens e mulheres. Entretanto, como seres históricos, são situados em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais que

¹ Brandão (2007, pág. 7 – 12)

² Utilizamos a concepção de trabalho elaborada por Karl Marx. “O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio.” (MARX, K. 1996, p. 297).



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

contribuem para moldar e dar sentido aos processos de construção de saberes e crenças. Nesta direção, Frigotto (2010, pág. 27) apresenta que a educação tem se apresentado historicamente como um campo de disputa hegemônica. Configura-se como uma disputa por projetos de classes antagônicas.

Freire destaca que a educação é uma forma de intervenção no mundo e aponta o caráter dessa intervenção:

(...) além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço da reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, pág. 99 e 100)

É necessário esforços para a compreensão do papel da educação na produção e reprodução das relações sociais, ou seja, pressupõe pensar a quem historicamente os processos educativos hegemônicos têm fortalecido, numa perspectiva de projetos societários. Frigotto (2010) afirma que na perspectiva da classe dominante, a educação tem sido conduzida para o ensino da técnica, produção, a fim de ideologicamente reduzi-la aos processos de trabalho. A educação popular se contrapõe a perspectiva da classe dominante, à medida que parte da realidade do sujeito explorado/dominado e propõe romper com a opressão.

2.1 A educação formal – breve considerações

A educação tem sido um espaço privilegiado de reprodução da ordem dominante, sobretudo quando aprofundamos a análise sobre o neoliberalismo e suas imposições às políticas educacionais a partir da década de 1990. Neste contexto, inúmeros países da América Latina implementaram medidas seguindo a orientação de organismos internacionais tais como o FMI e o Banco Mundial. Para Oliveira (2003 pág. 23) “observa-se, então, um duplo enfoque nas reformas educacionais que se implantaram nesse período na América Latina: a educação dirigida à formação para o trabalho e a educação orientada para a gestão ou disciplina da pobreza”. Para Frigotto (2010) uma das estratégias do capitalismo é a segmentação e a fragmentação dos processos educativos. O paradigma da escolarização como estratégia da democratização do ensino tem se tornado insuficiente, à medida que se orienta apenas para o setor produtivo e o suposto desenvolvimento econômico.

Essas reformas neoliberais no campo da educação irão moldar o financiamento e a gestão da educação, os planos pedagógicos, onde os conceitos da administração (produtividade, eficiência, excelência, metas) ocupam o cotidiano da escola. Além disso, irá incidir de forma peculiar no trabalho docente, com a precarização e sobrecarga, contratos temporários, perda de direitos trabalhista e plano de carreira deficitário.

A educação orientada a gestão da pobreza, a segmentação e fragmentação, constitui uma relação imbricada na perspectiva da educação bancária enunciada por Freire (1987) como um dos instrumentos da opressão. Neste modelo, os educadores são portadores do conhecimento e os educandos são vistos apenas como receptores. Parte-se da premissa da “transmissão” do conhecimento ao contrário da construção do saber, numa relação de troca.

A educação bancária é revestida de uma “cultura do silêncio” onde o componente de fundo é a ideologia da submissão e opressão, na perspectiva de passividade diante dos conflitos e



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

contradições, ou seja, de manutenção da ordem. Assim, os homens são vistos como seres da “adaptação e do ajustamento” (FREIRE, pág. 60 1987). Romper com esse modelo arbitrário da educação significa romper com o fundamento dessa educação – a ordem capitalista.

3 Movimento Estudantil e Movimentos Sociais

Consideramos o Movimento Estudantil como um movimento social que luta pela educação, com suas diversas bandeiras: qualidade e democratização do ensino, direção social do conhecimento, maiores investimentos na educação, etc. É necessário situar, assim como Duriguetto e Montano (2011) o Movimento Estudantil no bojo dos chamados “novos movimentos sociais³”, entendendo que o Movimento Estudantil é um movimento social contemporâneo que tem como objetivo somar forças às lutas da classe trabalhadora.

Santos *et al* (2010, pág. 02) afirma que,

O Movimento Estudantil - ME ao longo de sua história é caracterizado como um movimento social marcado pela diversidade sócio-econômica, cultural e ideológica dos seus sujeitos. Possui uma particularidade fundamental que o difere dos demais movimentos sociais, o caráter de transitoriedade dos seus membros. Os sujeitos que fazem o ME tem sua inserção passageira, em via de regra, seu desligamento é previsível, pois enquanto movimento político, ele se organiza a partir do local onde estuda (...).

Portanto, partimos da concepção que o Movimento Estudantil é um movimento social que deva ter um caráter popular, no sentido de contribuir com outros movimentos sociais populares para uma maior transformação societária, que visa romper com toda forma de opressão e alcançar a plena liberdade humana.

O Movimento Estudantil da UFVJM – Campus Mucuri ao perceber a necessidade de consolidar a concepção supracitada, bem como reforçar uma identidade classista, identificou na construção do Estágio Interdisciplinar de Vivência de Minas Gerais uma possibilidade de efetivar uma prática condizente com a perspectiva que aponta para a emancipação da classe trabalhadora.

3.1 A experiência do Estágio Interdisciplinar de Vivência - EIV de Minas Gerais

O EIV se constitui como um instrumento ou uma ferramenta do Movimento Estudantil que materializa nossa concepção de Movimento Estudantil, trazendo consigo a relação com outros movimentos sociais e tendo como objetivo estratégico principal a transformação social.

A primeira experiência de Estágio de Vivência ocorrida no Brasil foi entre os anos de 1988 e 1989 no Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados, realizado pela FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil em parceria com o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O estágio surgiu da necessidade dos estudantes de Agronomia em

³ “Os chamados ‘Novos Movimentos Sociais’, que surgem principalmente em meados do século XX, têm por vezes o objetivo ou a função de ser um complemento das lutas de classes dos movimentos clássicos (somando-se essas lutas), e outras vezes são vistos como alternativos aos movimentos de classe tradicionais e aos partidos políticos de esquerda (substituindo tais lutas).” (DURIGUETTO e MONTAÑO, 2011:248)



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

compreender o processo de desenvolvimento agropecuário que estava sendo instalado no Brasil em meados da década de 1970, aproximando mais da realidade dos trabalhadores rurais que ficaram a margem desse processo, analisando as consequências sofridas por tal projeto que confrontava com a real demanda e necessidade dos trabalhadores rurais naquele momento.

A partir desta experiência o estágio de vivência começou a ser realizado em todo o país, tanto no âmbito local como estadual, firmando novas parcerias com outros Movimentos Sociais e sendo construído por outras organizações estudantis além da FEAB, ganhando assim um caráter interdisciplinar.

O Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) começou a ser realizado em Minas Gerais no ano de 1997, com as experiências locais de Viçosa e Lavras, que eram organizados pelo movimento estudantil em parceria com sindicatos e demais movimentos sociais, o EIV de Viçosa acontece até hoje. Somente em 2003 inicia-se o debate de construir um EIV estadual. Após reunir as experiências de Lavras e Viçosa, na intenção de ampliar a participação de mais estudantes do estado, envolvendo outras Universidades e regiões, ocorre o 1º Estágio Interdisciplinar de Vivência de Minas Gerais. Contando com a participação de estudantes de 10 Universidades e de vários cursos das diversas áreas do conhecimento, teve ainda a presença de estudantes de outros países latino-americanos. A vivência ocorreu em várias regiões do estado, nos assentamento e acampamentos do MST, firmando desde essa primeira experiência uma sólida parceria com o Movimento Estudantil.

A interdisciplinaridade é um princípio fundamental no EIV-MG, tendo em vista que rompe com a perspectiva de fragmentação, possibilitando um olhar para a totalidade da vida social, ao mesmo tempo em que não sobrepõe o saber científico ao saber popular.

Nos anos seguintes o EIV aconteceu de forma periódica, a Comissão Organizadora faz o trabalho árduo de preparação da metodologia, das áreas, organizando a infra-estrutura necessária para que o estágio ocorra no início de cada ano. A primeira turma de estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus do Mucuri a participar do EIV-MG foi em 2008, com 7 estudantes dentre os cursos de Administração, Ciências Econômicas e Serviço Social.

Em 2010, o Centro Acadêmico de Serviço Social da UFVJM integrou a comissão organizadora do 8º EIV-MG que aconteceu na cidade de Belo Horizonte em janeiro de 2011. Participaram 11 estudantes do Campus Mucuri, entre os cursos de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, Ciências Econômicas e Serviço Social. No último EIV-MG em Janeiro de 2012, participaram 9 estudantes do Campus Mucuri, entre estagiários e Comissão Organizadora.

É importante ressaltar que o EIV-MG só é possível de se realizar mediante a parceria entre o Movimento Estudantil e outros movimentos sociais, no nosso caso o Movimento dos Atingidos por Barragens –MAB, Marcha Mundial das Mulheres – MMM e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST.

A dinâmica do EIV visa utilizar de forma combinada a formação política, a mística, o trabalho e a vivência com o objetivo de sensibilizar o estagiário para a necessidade e possibilidade da transformação social, fazendo desses sujeitos protagonistas conscientes de suas ações.



A formação política é necessária para compreendermos como funciona a sociedade capitalista e as particularidades brasileiras, estudando temas como Economia Política, Questão Agrária, Questão Energética, Feminismo, Educação e Universidade. De forma geral, os estagiários conseguem compreender os processos históricos e sócio-políticos que perpassam o mundo do capital e a realidade por eles vivenciada tanto na Universidade como nas vivências em áreas de reforma agrária e atingidos por barragens.

A Mística é uma maneira de vivenciar e/ou lembrar um momento da história importante para a luta do povo, ao mesmo tempo em que possa projetar uma ação transformadora. A mística se utiliza de diversos elementos subjetivos e objetivos, como teatro, música, poesia, dança, e envolve todos os sentidos do corpo humano. Ademar Bogo diz que “a mística é essa energia criativa que não cansa, é uma força estranha que faz a gente andar, tornar-se grande, desejar conquistar e cuidar das conquistas.” (2010, p. 224). Mais a frente ele sintetiza: “(...) a mística precisa da arte, da beleza, da afetividade e do prazer. A imaginação, a esperança e a paixão são seus pilares” (2010, p. 234).

O trabalho é central no EIV, pois

O primeiro pressuposto de toda existência humana, e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como a milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX, K. e ENGELS, F. 1987, p. 39)

Sendo assim, Engels (2004 p. 13) acrescenta, “podemos afirmar que o trabalho é condição básica e fundamental da vida humana [...] podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”.

A experiência da metodologia do EIV-MG a partir do princípio do trabalho contribui para que os/as estudantes consigam romper com a dicotomia entre o fazer e o pensar, percebendo a importância do trabalho coletivo, forjando assim novos valores e práticas militantes.

Com relação a vivência, é possibilitado ao estagiário conhecer a realidade concreta vivida pelos trabalhadores rurais e as condições objetivas da organização e da luta popular. Também é uma forma de identificar a educação popular acumulada pelos movimentos sociais e sua necessária relação com o Movimento Estudantil.

3.2 A experiência do Movimento Estudantil da UFVJM Campus do Mucuri

Após a participação do Movimento Estudantil da UFVJM – Campus Mucuri no processo de construção do 8º e 9º EIV-MG várias atividades foram desenvolvidas no sentido de ampliar e fortalecer os debates que no cotidiano da universidade não são debatidos. Foram organizados vários espaços de formação política na Universidade com as temáticas de Educação Popular, Relações de Gênero, Juventude, Universidade, Sociedade e Movimento Estudantil.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

No que tange a relação com outros Movimentos Sociais foram realizadas várias atividades conjuntas, visitas em áreas de acampamentos e assentamentos de reforma agrária da região e participação em atividades realizadas pelos próprios movimentos.

Logo após a realização do 8º EIV-MG, em março de 2011, houve a participação em duas grandes atividades organizadas pelos movimentos sociais: a primeira foi o I Seminário de Mulheres Camponesas dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce, ocorrido em Teófilo Otoni nos dias 01 a 03 de março em memória ao *8 de Março – Dia Internacional da Mulher*, organizado pelas mulheres da Via Campesina que celebraram a data com muito debate e luta. A segunda foi a Assembleia Popular dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri que aconteceu dia 27 de março na cidade de Araçuaí, atividade essa que reuniu Movimentos Sociais, ONGs, Sindicatos e entidades dos Vales para discutirem problemas da região e propor ações de transformação.

Dois grandes momentos de união e luta dos/as trabalhadores/as em que os/as estudantes estiveram presentes foram o III e IV Encontros de Movimentos Sociais de Minas Gerais, que ocorreu no 1º de Maio (Dia do Trabalhador) de 2011 e 2012 em Belo Horizonte. Tal atividade é organizada por diversos Movimentos Sociais do campo e da cidade que reivindicam a comemoração do Dia do Trabalhador como um dia de luta por melhores condições de vida e de trabalho.

A participação do Movimento Estudantil também foi efetiva no lançamento da Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e Pela Vida em Teófilo Otoni, no dia 07 de Setembro de 2011 paralelamente à comemoração do dia da Proclamação da República, no chamado Grito dos Excluídos, onde os/as estudantes foram protagonistas nesta luta.

No fim de 2011, pouco antes da realização do 9º EIV-MG houve uma importante atividade realizada pelos/as estudantes que foi a Assembleia Popular da Juventude de Teófilo Otoni, no dia 04 de dezembro, um espaço de formação organizado pelos estudantes para os estudantes e para a juventude como um todo, abordou o debate da Campanha Permanente contra o Extermínio da Juventude, a criminalização da juventude negra e a condição do ser jovem.

A partir da participação significativa dos/das estudantes no 9º EIV-MG a aproximação com os temas debatidos no estágio e a vivência potencializou a relação do Movimento Estudantil com os demais movimentos sociais. Através da participação e construção de espaços de organização e luta da classe trabalhadora os laços foram estreitados.

Essa experiência proporcionou a aproximação com o debate do feminismo. Esta aproximação, extremamente necessária, despertou nos estudantes e principalmente nas estudantes a necessidade de se aprofundar na discussão desse tema, dessa experiência nasceu o Coletivo de Mulheres “Comadre Maria”, um coletivo auto-organizado que se propõe a ampliar o debate acerca da opressão da mulher e suas mais diversas expressões. No dia 8 de Março, dia Internacional da Mulher, aconteceu em Belo Horizonte – MG um dia de comemoração e luta, onde o Coletivo “Comadre Maria” teve participação ativa.

Outro espaço importante foi à organização do Movimento Estudantil da UFVJM para participação na Cúpula dos Povos. Este espaço ocorreu paralelo ao evento Rio+20. Nesta ocasião os estudantes entenderam que era necessário fazer enfrentamento ao modelo de desenvolvimento implementado pelas grandes potências, sendo este expressão dos interesses do capital internacional. As inúmeras atividades como a “Marcha Global dos Povos”,



9º ENEDS | ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

assembleias dos povos e demais atividades da cúpula contribuíram para fortalecer a direção social do Movimento Estudantil e sua opção por uma forma de sociabilidade que não se vincula aos interesses do grande capital.

Nesse sentido, percebemos que o Estágio Interdisciplinar de Vivência faz com que a atuação do Movimento Estudantil ultrapasse os muros da Universidade, mesmo entendendo a necessidade de participação nos espaços internos da academia é importante também trazer para dentro da Universidade as experiências dos Movimentos Sociais e isso só é possível saindo de dentro das salas de aulas, dos laboratórios, dos gabinetes, ou seja, da área de conforto e ir conhecer a realidade do povo.

3.3 Educação popular e Movimento Estudantil: relações necessárias

Diante desse quadro, o movimento estudantil umbilicalmente vinculado à educação, recorre a formas alternativas de construção do saber apropriando dos debates da educação popular como tentativa de disputar os rumos do conhecimento produzido na universidade.

Nesta direção, concordamos com Freire (1987 pág. 68) com a ideia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa sozinho, os homens [e mulheres] se educam entre si mediatizados pelo mundo”. Percebe-se uma ruptura com a concepção bancária da educação, afirma-se que a educação é um processo de construção coletiva entre homens e mulheres em sociedade.

Freire destaca

A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (1987, pág. 70)

A educação popular é necessariamente uma educação problematizadora da realidade que os sujeitos estão inseridos. Ela busca romper com a “cultura do silêncio”, busca transformar a realidade social na perspectiva dos oprimidos, portanto, ela é uma prática libertadora.

É de extrema relevância resgatar que a essência dessa educação é o diálogo. Essencialmente humano, o diálogo é potência, ele é capaz de subverter a ordem dominante e imprimir significado a existência humana, a medida que se combina com a práxis (ação e reflexão) direcionada pra mudar a realidade.

Nesta direção, as palavras de Freire deixam mais nítidas que,

A existência (...) humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformem o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (pág. 78, 1987)



Ao incorporar a educação popular na sua prática, ou seja, na sua formação, organização e nas suas lutas, o movimento estudantil da UFVJM tem orientado suas ações na tentativa de construir espaços que dialoguem e fomentem entre os estudantes outro olhar sobre a formação e sobre o futuro trabalho profissional. Nesse sentido, entendemos que a formação política deve se pautar na educação popular, na participação e na construção coletivas do saber e suas atividades.

Isso tem implicado reconhecer que “educar exige apreensão da realidade” (FREIRE pág. 72-75, 2004). Neste caso, exige que apreensão das bases da realidade social imprima um olhar para a totalidade. Reconhecer nossa capacidade de aprender para transformar a realidade.

Pressupomos também que é necessário reconhecer que “a educação é ideológica” (FREIRE pág. 124-132, 2004). Tem se mostrado um desafio romper com a visão de neutralidade dos processos educativos, tendo em vista a construção do saber que seja atrelado a outro projeto de classe. Não basta apenas reconhecer que nossa educação tem sido funcional ao desenvolvimento e acumulação capitalista, é necessário também propor alternativas de formação popular que nos direcionam acumular pra outra sociedade. Por isso, concordamos com a premissa que é necessário reconhecer que “a mudança é possível” (FREIRE pág. 79-86, 2004).

Destaca-se também a perspectiva que é fundamental a “corporificação das palavras pelo exemplo” Freire (2004), mais especificamente o chama de “exemplo pedagógico”. Freire (2004) ainda afirma, “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”. Compreendemos que as palavras devem ser um reflexo da prática construída no Movimento Estudantil, especialmente quando esta tem a pretensão de serem alternativas às formas de opressão e dominação.

4 Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo tecer considerações acerca do debate da educação e ao situar a educação popular, estabelecer uma conexão com o movimento estudantil, em especial na UFVJM Campus Mucuri.

Nesta direção, o movimento estudantil da UFVJM Campus Mucuri considera que a construção do EIV-MG tem-se configurado como importante ferramenta de articulação com os movimentos sociais construindo práticas de metodologias populares e participativas. A partir dessa experiência de aproximação da realidade do povo e da organização social, os estudantes têm sido impulsionados a uma reflexão que transcende os muros da universidade e da formação profissional cada vez mais fragmentada.

Dessa forma acredita-se que é necessário romper com a educação bancária, propondo formas alternativas de formação popular que nos direcione para uma prática social libertadora e emancipatória.

5 Referências Bibliográficas

BOGO, Ademar. *Identidade e Luta de Classes*. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



9º ENEDS

**ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação*. Brasiliense, Rio de Janeiro, 2007. Coleção primeiros passos.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org.). *A dialética do trabalho: Escritos de Marx e Engels*. Expressão Popular, São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª Edição. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra. 2004. Publicação cedida à ANCA/MST.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. Cortez, São Paulo, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Hucitec. São Paulo, 1987.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Nova Cultural. São Paulo, 1996.

MONTAÑO, C; DURIGUETTO, M. L. *Estado, classe e movimento social*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Biblioteca Básica de serviço social; v. 5)

OLIVEIRA, Dalila A. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: _____ (Org). *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

SANTOS, T. B; NEVES, G. K. O; CARVALHO, C. C; REIS, L. D. R. *O movimento estudantil em serviço social enquanto movimento social: a luta contra a mercantilização da educação e da vida e o processo de consciência*. Anais do XII ENPESS. Rio de Janeiro, 2010.